

## CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE



**Carlos Drummond de Andrade** (Itabira do Mato Dentro - MG, 31 de outubro de 1902 – Rio de Janeiro, 17 de agosto de 1987), foi um poeta, contista, cronista, tradutor e jornalista brasileiro. Na sua poesia ele retrata o cotidiano com pessimismo, amargor, desencanto, lirismo e senso de humor retratando as angústias do dia-a-dia. O erotismo foi revelado, em 1992, numa publicação póstuma, no livro “Amor Natural”, causando um choque nos desavisados que ao se depararem com tamanho erotismo perguntavam: “Isso foi escrito por aquele velhinho?”.

Filho do fazendeiro Carlos de Paula Andrade e de Julieta Augusta Drummond de Andrade.

Em 1925, casou-se com Dolores Dutra de Moraes. Em 1927, nasce seu filho Carlos Flávio que vive apenas meia hora. Em 1928, nasce sua filha Maria Julieta, que lhe dá três netos: Carlos Manuel, Luís Mauricio e Pedro Augusto.

Formou-se em Farmácia, mas nunca exerceu a profissão por querer “preservar a saúde dos outros”. Funcionário público do Serviço de Patrimônio Histórico e Nacional até sua aposentadoria em 1962. Colaborou como cronista e redator de vários jornais.

Em 1928, publica o poema “No meio do caminho”, provocando um escândalo literário com os críticos dizendo que aquilo não era poesia pela repetição do poema e pelo uso de “tinha uma pedra” ao invés de “havia uma pedra”.

Em 1930, publica seu primeiro livro de poesia, “Alguma Poesia”, em edição de 500 exemplares, paga pelo autor. A poesia que abre o livro é o “Poema de Sete Faces”, aquele que diz: “Mundo, mundo vasto mundo, se eu me chamasse Raimundo seria uma rima, não seria uma solução. Mundo, mundo, vasto mundo, mais vasto é o meu coração”, que se tornaria um de seus poemas mais conhecidos.

Aos 49 anos, inicia um romance secreto com Lygia Fernandes, uma bibliotecária de 24 anos, romance que se manteve até a morte do autor.

Em 1987, a escola de samba Unidos da Mangueira ganha o carnaval do Rio de Janeiro com o enredo “O Reino das Palavras”, em homenagem a Carlos Drummond de Andrade.

Teve uma vida longa e produtiva. Em 31 de janeiro de 1987, escreve seu último poema, “Elegia a um tucano morto”. Em 17 de agosto do mesmo ano, morre aos 85 anos, devido a problemas cardíacos, de mãos dadas com Lygia Fernandes.

---

## ALGUMAS POESIAS

---

### Memória

Amar o perdido  
deixa confundido  
este coração.

Nada pode o olvido  
contra o sem sentido  
apelo do Não.

As coisas tangíveis  
tornam-se insensíveis  
à palma da mão.

Mas as coisas findas,  
muito mais que lindas,  
essas ficarão.

---

### Quadrilha

João amava Teresa que amava Raimundo  
que amava Maria que amava Joaquim que amava Lili que não amava ninguém.  
João foi para os Estados Unidos, Teresa para o convento,  
Raimundo suicidou-se e Lili casou-se com J. Pinto Fernandes que não tinha entrado na história.

---

### Não se mate

Carlos, sossegue, o amor  
é isso que você está vendo:  
hoje beija, amanhã não beija,  
depois de amanhã é domingo  
e segunda-feira ninguém sabe  
o que será.

Inútil você resistir  
ou mesmo suicidar-se.  
Não se mate, oh não se mate,  
reserve-se todo  
para as bodas que, ninguém sabe  
quando virão,  
se é que virão.

O amor, Carlos, você telúrico,  
a noite passou em você,  
e os recalques se sublimando,  
lá dentro um barulho inefável,  
rezas,  
vitrolas,

santos que se persignam,  
anúncios do melhor sabão,  
barulho que ninguém sabe  
de quê, praquê.

Entretanto, você caminha  
melancólico e vertical.  
Você é a palmeira, você é o grito  
Que ninguém ouviu no teatro  
e as luzes todas se apagam.  
O amor no escuro, não, no claro,  
é sempre triste, meu filho, Carlos,  
mas não diga nada a ninguém,  
ninguém sabe nem saberá.

---

### **No meio do caminho**

No meio do caminho tinha uma pedra  
tinha uma pedra no meio do caminho  
tinha uma pedra  
no meio do caminho tinha uma pedra.

Nunca me esquecerei desse acontecimento  
na vida de minhas retinas tão fatigadas.  
Nunca me esquecerei que no meio do caminho  
tinha uma pedra  
tinha uma pedra no meio do caminho  
no meio do caminho tinha uma pedra.

---

### **Poema de sete faces**

Quando nasci, um anjo torto  
desses que vivem na sombra  
disse: Vai, Carlos! Ser *gauche* na vida.

As casas espiam os homens  
que correm atrás de mulheres.  
A tarde talvez fosse azul,  
não houvesse tantos desejos.

O bonde passa cheio de pernas:  
Pernas brancas, pretas, amarelas.  
Para que tanta perna, meu Deus, pergunta meu coração.  
Porém meus olhos  
não perguntam nada.

O homem atrás do bigode  
é sério, simples e forte.  
Quase não conversa.  
Tem poucos, raros amigos

o homem atrás dos óculos e do bigode.

Meu Deus por que me abandonaste  
se sabias que eu não era Deus,  
se sabias que eu era fraco.

Mundo mundo vasto mundo,  
se eu me chamasse Raimundo  
seria uma rima, não seria uma solução.  
Mundo mundo vasto mundo,  
mais vasto é meu coração.

Eu não devia te dizer  
mas essa lua,  
mas esse conhaque,  
botam a gente comovido como o diabo.

---

### José

E agora, José?  
a festa acabou,  
a luz apagou,  
o povo sumiu,  
a noite esfriou,  
e agora, José?  
e agora, você?  
você que é sem nome,  
que zomba dos outros,  
você que faz versos,  
que ama, protesta?  
e agora, José?

Está sem mulher,  
está sem discurso,  
está sem carinho,  
já não pode beber,  
já não pode fumar,  
cuspir já não pode, a noite esfriou,  
o dia não veio,  
o bonde não veio,  
o riso não veio  
não veio a utopia  
e tudo acabou  
e tudo fugiu  
e tudo mofou, e agora, José?

E agora, José?  
Sua doce palavra,  
seu instante de febre,  
sua gula e jejum,  
sua biblioteca,

sua lavra de ouro,  
seu terno de vidro,  
sua incoerência,  
seu ódio – e agora?

Com a chave na mão  
quer abrir a porta,  
não existe porta,  
quer morrer no mar,  
mas o mar secou;  
quer ir para Minas,  
Minas não há mãos.  
José, e agora?

Se você gritasse,  
se você gemesse,  
se você tocasse  
a valsa vienense,  
se você dormisse,  
se você cansasse,  
se você morresse.  
Mas você não morre,  
você é duro, José!

Sozinho no escuro  
Qual bicho-do-mato,  
sem teogonia  
sem parede nua  
para se encostar,  
sem cavalo preto  
que fuja a galope,  
você marcha, José!  
José, para onde?

\*Esse poema, musicado por Paulo Diniz, pode ser apreciado no: <https://www.youtube.com/watch?v=1L9mZIXgaq0>

---

### **O chão é cama**

O chão é cama para o amor urgente,  
amor que não espera ir para a cama.  
Sobre tapete ou duro piso, a gente  
compõe de corpo e corpo a úmida trama  
E para repousar do amor, vamos à cama.

---

### **As sem razões do amor**

Eu te amo porque te amo.  
Não precisas ser amante,  
e nem sempre sabes sê-lo.  
Eu te amo porque te amo.  
Amor é estado de graça  
e com amor não se paga.  
Amor é dado de graça  
é semeado no vento,  
na cachoeira, no eclipse.  
Amor foge a dicionários  
e a regulamentos vários.

Eu te amo porque não amo  
bastante ou demais a mim.  
Porque amor não se troca,  
não se conjuga nem se ama.  
Porque amor é amor a nada,  
feliz e forte em si mesmo.

Amor é primo da morte,  
e da morte vencedor,  
Por mais que o matem (e matam)  
a cada instante de amor.

---

### **Oh minha senhora ó minha senhora**

Oh minha senhora ó minha senhora oh não se incomode senhora  
minha não faça isso eu lhe peço eu lhe suplico por Deus nosso  
redentor minha senhora não dê importância a um simples mortal  
vagabundo como eu que nem mereço a glória de quanto mais  
de...não não não minha senhora não me desabote a braguilha  
não precisa também de despir o que é isso é verdadeiramente fora  
de normas e eu não estou absolutamente preparado para semelhante  
emoção ou comoção sei lá minha senhora nem sei mais o  
que digo eu disse alguma coisa? sinto-me sem palavras sem fôlegos  
sem saliva para molhar a língua e ensaiar um discurso coerente  
na linha do desejo sinto-me desamparado do Divino Espírito  
Santo minha senhora eu eu eu ó minha senh...esses seios são  
seus ou é uma aparição e esses pêlos essas nád...tanta nudez me  
deixa naufragado me mata me pulveriza louvado bendito seja

Deus é o fim do mundo desabando no meu fim eu eu...

---

==